NANDO, WE'RE HOME

A Return To The Place That Called First



Ferdinando Frega – Nando the Scribe

Gillettenarrative.com

GILLETTE: NANDO, ESTAMOS EM CASA

Há semanas um momento da minha vida não para de voltar. Estávamos em 1993 e, para o lançamento de um sistema de barbear revolucionário para a época, meu pai e eu voamos para Washington. Ele vivia me perguntando se eu estava feliz, e sorria. Eu não o via assim com frequência, e aquilo me intrigava — como se ele esperasse o momento certo para me dizer algo importante.

Uma tarde, depois do trabalho, caminhávamos por um píer à beira do rio. Ele agarrou meu braço, me puxou para perto e disse:
“Nando… estamos na América. Nando… estamos em casa.”

Ele estava feliz — os olhos cheios, quase emocionado, quase a ponto de chorar. Mas eu era jovem demais para entender o que ele queria dizer de verdade, para além das palavras.

Hoje, não consigo esquecer. Faz quase sete meses que essa lembrança volta, girando na minha cabeça. Trinta e três anos se passaram, e ele se foi há um. Mas o sinal dele é alto e claro: quer que eu entenda que preciso estar pronto para partir de novo — para voltar para casa. A casa que não me recebeu 61 anos atrás só por causa de um erro de cegonha da FedEx… mas essa é outra história.

Aqui na Itália, eu me sinto preso dentro de um caixote de frutas — confinado por algo que nunca me pertenceu.

Como vou chegar lá, não faço ideia. Meus 70 USD por mês são meu único recurso, e não corro atrás de ninguém por dinheiro. Só corro atrás de mulheres bonitas — se forem inteligentes. Não é um vício, é uma paixão. Uma dívida de gratidão com aquela que nunca precisa de publicidade — a mulher que existe mesmo quando está sozinha.

E quando eu finalmente entrar em alguma sala por lá, vou ter três pimentas calabresas no bolso. Vou me apresentar dizendo:
“Este é o fogo — a única coisa que nos mantém vivos e não nos deixa adoecer. Começa na boca e termina no cu. Só não deixem nunca os adversários saberem.”

Nando